



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Icaro Madeira dos Reis

QUESTÃO SOCIAL E CULTURAL BRASILEIRA
Uma análise da produção musical punk da década de 1980

Florianópolis, 2023

ICARO MADEIRA DOS REIS

QUESTÃO SOCIAL E CULTURAL BRASILEIRA

Uma análise da produção musical punk da década de 1980

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^{ta}. Dr^a. Beatriz Augusto de Paiva

Florianópolis, 2023.

Reis, Icaro Madeira

A Questão Social e Cultural Brasileira: Uma Análise da produção musical punk da década de 1980 / Icaro Madeira dos Reis; orientadora, Beatriz Augusto de Paiva, 2023.

42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Serviço Social. 2. Questão Social. 3. Questão Cultural. 4. Movimento Punk Brasileiro. 5. Serviço Social. I. de Paiva, Beatriz Augusto. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Serviço Social. III. Título

Icaro Madeira dos Reis

A Questão Social e Cultural Brasileira: Uma Análise da produção musical punk da década de 1980

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de graduado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Serviço Social.

Local: Florianópolis, 01 de dezembro de 2023

[Empty dashed box for signature]

Coordenação do Curso

Banca examinadora

[Empty dashed box for signature]

Orientador(a)

[Empty dashed box for signature]

Prof., Jonaz Gil Barcelos
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

[Empty dashed box for signature]

Maria Antônia Carsten
Instituição Marista Lucia Mayvorne

Florianópolis, 2023

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a minha família, esse tema é sempre muito importante pra mim. Eu vou tentar, brevemente, explicar algo quase impossível de expressar em palavras: o orgulho e privilégio que tenho de ser um Madeira. Só com amor, a dedicação e o trabalho incansável de Nilton Luiz Madeira e Adélia Maria Tomaz Madeira, meus avós maternos, me permitiram chegar aqui, os dois nunca mediram esforços para realizar os sonhos dos seus filhos e netos. É graças aos anos de luta e trabalho pesado dos meus avós, que a minha mãe se tornou a primeira pessoa da família a se formar no ensino superior. Estudar e trabalhar, essas foram as palavras que eu ouvi a minha vida inteira da minha mãe e dos meus avós, isso ficou marcado em mim. Sempre que passava de ano na escola, as primeiras pessoas que eu ia correndo contar eram meus avós, e assim foi também quando recebi meu primeiro salário, lembro de voltar pra casa ansioso e mostrar para eles o que eu tinha conquistado com meu próprio suor. Os dois sempre foram meu porto seguro e continuam sendo, isso aqui e por mim e por vocês.

Agradeço meus avós por serem meu exemplo de vida. Nilton e Adélia, obrigado por serem meus pilares nessa vida, e para toda nossa família, carrego em mim os seus ensinamentos sobre a vida, seus valores sobre o amor, sobre o afeto e companheirismo, eu me espelho na sua simplicidade, na sua trajetória, no exemplo de trabalho e dedicação. São esses princípios que me dão coragem pra enfrentar as dificuldades da vida, carrego em mim vocês.

Agradeço a minha mãe, Katia Regina Madeira, por todo esforço que fez e continua fazendo para nos dar o melhor dessa vida. Sem o seu esforço para garantir uma educação de qualidade para mim e para minha irmã esse sonho jamais se tornaria possível. Obrigado mãe por me ensinar que é possível sonhar, por sempre acreditar em mim, por sempre apoiar minhas decisões, por nunca ter freado as minhas escolhas, por todos dias e noites trabalhados para garantir nossa educação, por ter criado eu e a minha irmã sozinha e ainda sim conseguir realizar também os seus sonhos. Você é um exemplo de luta na nossa vida, sou grato até o fim por todo seu esforço e seus ensinamentos, sem você eu não sou nada.

Agradeço a minha irmã, Mariah Madeira dos Reis, por ser a minha parceira de vida, minha conselheira, minha professora e meu ombro nos momentos difíceis. Só você sabe o quanto foi difícil para a gente. Só com o seu apoio e os seus conselhos, que me trazem paz e leveza, os obstáculos da vida parecem curtos. Obrigado mana.

Não posso deixar de agradecer os meus amigos, Bruno Correa, Carlos Roberto, Rômulo, Bruno Bessa, Victor, Mayara, Rô, que sempre me ajudaram nesse processo de graduação e que estão ao meu lado a mais de uma década. Todos os momentos que passamos

juntos foram, e continuam sendo, importantes para a minha formação como pessoa. Obrigado amigos.

Quero agradecer em especial a Julia Isotton, sem o seu apoio nada disso seria possível. Por todas as noites que eu pensei em desistir, que eu falei para mim mesmo que isso não era para mim e achei que não fosse capaz. Em todos esses momentos que eu não acreditei em mim você acreditou. Obrigado por acreditar no meu potencial, por ter me ajudado mais do que ninguém nesse processo e por ter ficado ao meu lado segurando minha mão nesse momento tão importante pra mim. Eu não tenho palavras para agradecer tudo o que você fez, mas você que sem o seu apoio e o seu carinho eu não estaria aqui. Do fundo do meu coração, obrigado.

Agradeço a minha orientadora, Professora Beatriz Paiva, pela sua compreensão e paciência nesse processo que foi tão complexo para mim. Nos nossos encontros, você sempre foi capaz de me fazer acreditar que era possível e que eu iria conseguir. Te agradeço pela leveza dos nossos encontros e por me encorajar a finalizar esse processo. Obrigado.

**Quanto vale a
liberdade? (Cólera)**

*Agora eu sei que não há
preço*

Mas me sinto

acorrentado Dia após

dia, e não há razão, não

há razão Quanto vale a

liberdade? Quanto vale a

liberdade? Não importa,

eu vou em frente

Não importa, eu vou em

frente

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como a "questão social" se manifestou na produção cultural do movimento punk na década de 1980 no Brasil, caracterizando a "questão social" e a "questão cultural" brasileira, contextualizando o movimento punk em meio a esses complexos processos de formação sócio-histórica do país. Para analisar como as expressões da questão social foram assimiladas pelo movimento punk brasileiro, foi realizada uma análise de algumas das obras artístico-culturais produzidas pelo movimento na década de 1980. Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se pesquisa qualitativa, estudo bibliográfico de obras marxistas e análise musical, através de pesquisas teóricas, com base na seleção prévia dos autores que se destacam nas reflexões acerca da "questão social" e questão da cultura na tradição marxista. Por fim, este trabalho apresenta de que maneira o movimento punk, lido como expressão cultural na sua particularidade nacional, expressa em seu conteúdo artístico a denúncia e a resistência frente as expressões da "questão social" no Brasil, demarcando seu espaço como cultura popular, oriunda da classe trabalhadora, dentro do diverso campo cultural brasileiro.

Palavras-chave: Questão Social. Questão Cultural. Movimento Punk.

ABSTRACT

The present work aims to reflect on how the “social question” manifested itself in the cultural production of the punk movement in the 1980s in Brazil, characterizing the “social question” and the Brazilian “cultural question”, contextualizing the punk movement amidst these complex processes of socio-historical formation of the country. To analyze how the “social question” is expressed in the Brazilian punk movement, an analysis of some of the artistic-cultural works produced by the movement in the 1980s was carried out. To achieve the proposed objectives, qualitative research was carried out, bibliographic study of Marxist works and musical analysis, through theoretical research, based on the previous selection of authors who stand out in reflections on the “social question” and the question of culture in the Marxist tradition. Finally, this work presents how the punk movement, read as a cultural expression in its national particularity, expresses in its artistic content the denunciation and resistance against the expression of the “social question” in Brazil, marking its space as popular culture, originating from the working class, within the diverse Brazilian cultural field.

Keywords: Social Question. Cultural Question. Punk Movement.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1 A “QUESTÃO SOCIAL” NO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO.....	10
2.2 QUESTÃO SOCIAL E AS PARTICULARIDADES DA QUESTÃO CULTURAL NO BRASIL.....	14
3 O MOVIMENTO PUNK E AS PARTICULARIDADES DA SUA CHEGADA NO BRASIL.....	22
3.1 “GRITO SUBURBANO” E A IDENTIDADE SOCIOCULTURAL PUNK BRASILEIRA.....	23
3.2 PARA A CRÍTICA DO COTIDIANO DESIGUAL: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA QUESTÃO SOCIAL NAS COMPOSIÇÕES PUNKS BRASILEIRAS	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Partindo da análise de Marx sobre o caráter de exploração do regime do capital, compreendemos a anatomia da “questão social”¹ dentro da sua complexidade e da sua necessidade para o desenvolvimento capitalista, que produz rigorosamente manifestações destas em seus inúmeros estágios, nessa perspectiva, a “questão social” como essencialmente ligada ao regime do capital.

No Brasil, a “questão social” está profundamente enraizada na desigualdade sócio-econômica que permeia a sociedade, a distribuição desigual de recursos, oportunidades e acesso a serviços básicos afeta diretamente a vida das pessoas. A cultura, por sua vez, é frequentemente moldada por essas disparidades. A interligação entre cultura e questão social é um fenômeno complexo e intrincado que tem profundas raízes na história do Brasil. A diversidade cultural e a desigualdade social no país moldaram e continuam a influenciar as formas de pensar, agir e ler a vida cotidiana. Nesse sentido, a teoria marxista é fundamental para compreender as complexas dinâmicas sociais no Brasil, fornecendo alicerces sólidos para a análise da "questão social" e da questão cultural.

A década de 1980 foi um período de mudanças significativas no Brasil, marcado por uma intensa repressão política e uma crescente desigualdade econômica. Nesse contexto, o movimento punk, que chega no Brasil durante esse período, representa um caso emblemático. As bandas de punk brasileiras emergiram como vozes críticas que não apenas denunciavam as injustiças sociais, mas também ofereciam um espaço de resistência e solidariedade.

Analisaremos neste trabalho como o punk, para além de uma expressão artística e cultural, desempenhou um papel fundamental na discussão das expressões da "questão social" da época e como as bandas introduziram na sua música, letras provocativas e performances intensas como meios de denunciar as desigualdades econômicas, a repressão política e a

¹ O uso entre aspas da expressão “questão social” durante o trabalho baseia-se na argumentação de Netto (2001), em que “a partir da segunda metade do século XIX, a expressão ‘questão social’ deixa de ser usada indistintamente por críticos sociais de diferentes espectros ideológicos – ela desliza, lenta, mas nitidamente, para o vocabulário próprio do pensamento conservador”.

marginalização social que caracterizaram o cenário brasileiro naquele período, contribuindo para a resistência e conscientização social.

Buscaremos destacar a importância dessa forma de resistência artística e cultural que transcende os limites do entretenimento musical para se tornar um veículo de conscientização e ação social. Ademais, o intervalo de tempo escolhido para a análise foi baseado em questões históricas estruturais, considerando este período como marcado por tensões políticas oriundas da transição da ditadura para a democracia, e ainda da situação paupérea que o país vivia, que resultam da crise estrutural do capital da década de 1970, mesmo período que surge o punk na Inglaterra.

Objetivo geral é refletir sobre como a "questão social" se manifestou na produção cultural do movimento punk nessa década no Brasil. Para isso, delineou-se os seguintes objetivos específicos: caracterizar a "questão social" brasileira, apresentar a "questão cultural" no Brasil, contextualizando o movimento punk, e analisar como a "questão social" se expressa em algumas das obras artístico-culturais produzidas pelo movimento punk da década de 1980. Para tanto, realizou-se pesquisa qualitativa, estudo bibliográfico de obras marxistas e análise musical. Assim, abordou-se os significados atribuídos pelos indivíduos e sujeitos coletivos em suas ações no âmbito das relações sociais capitalistas (MINAYO, 2009)

O interesse do estudo desta temática surge a partir de um vínculo pessoal com os assuntos culturais e, principalmente, com a musicalidade punk. Durante a graduação, sempre procurei relacionar os aprendizados em sala de aula com algo que fez, e faz, parte da minha vida, a arte. Encontrei nos estudos sobre a cultura a possibilidade de fazer essa ligação. A música sempre fez parte da minha vida, primeiramente por influências familiares, mas quando comecei a caminhar para as minhas próprias escolhas musicais foi quando encontrei o punk. Este, chega na minha vida muito cedo, especificamente no dia que ganhei minha primeira camiseta do Ramones, com apenas dez anos de idade. A identificação com a atitude rebelde, a agressividade e rapidez sonora foi imediata, e a calça preta, tênis all-star e camiseta do Ramones passaram a ser meu uniforme oficial. A partir daquele momento eu soube que era aquilo que eu queria ser, um punk.

A partir dessas influências pessoais e acadêmicas foi que se pensou a realização desse trabalho. Para alcançar os objetivos propostos e construir elementos que subsidiem a resposta da problemática, se utilizou de pesquisa teórica, com base na seleção prévia dos

autores que se destacam nas reflexões acerca da “questão social” e questão da cultura na tradição marxista. O texto se divide em dois capítulos principais e suas seções, salvo as conclusões, que buscam contextualizar, analisar e trazer elementos ao debate. No primeiro capítulo, vão ser abordadas as questões históricas e sociais do surgimento da “questão social” no contexto do desenvolvimento do sistema capitalista, ainda no primeiro capítulo serão destacadas as particularidades da “questão social” no Brasil, entendendo-a como fruto das desigualdades estruturais do regime do capital em nosso território e, a partir desta compreensão, centralizar o debate da questão cultural no Brasil, contextualizando seu surgimento, suas contradições e seus desafios. No segundo capítulo, o trabalho irá entrar no debate do surgimento do movimento punk, para responder o questionamento “o que é punk?” e contextualizar as particularidades da sua chegada no Brasil, dessa forma, teremos a base histórico-social necessária para realizar uma análise das contribuições musicais desse movimento, revelando, na sua expressão cultural, onde se encontram as expressões da “questão social” em suas letras, a fim de compreender como as expressões culturais de diferentes grupos sociais refletem suas lutas e resistência contra a marginalização, a exploração e a exclusão.

Assim, este trabalho tem como finalidade explorar e refletir sobre como o punk brasileiro emergiu como resposta às expressões da “questão social”, como empregou sua estética única e como se engajou politicamente. Destacando a relevância desse movimento como uma forma de resistência cultural e um veículo de conscientização social. Ao fazê-lo, pretendemos contribuir para uma compreensão mais profunda das interações entre a cultura e a "questão social", destacando um capítulo importante da história cultural e política do Brasil.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A “QUESTÃO SOCIAL” NO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

Os alicerces do sistema capitalista residem nos pilares da desigualdade e da propriedade privada, gerando relações conflituosas e contraditórias decorrentes da apropriação privada dos meios de produção e do controle do processo de trabalho. Essa dinâmica estabelece uma relação de antagonismo entre o capital e o trabalho, em que a

força laboral se torna a única fonte de subsistência para uma população privada dos meios de produção. Sob essa dinâmica de trabalho alienado, as forças produtivas se dividem entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que têm apenas sua força de trabalho. Isso estabelece duas classes sociais distintas: a classe trabalhadora e a classe burguesa.

Podemos, então, afirmar que somente com a apreensão do “processo de produção do capital” é possível o entendimento da dinâmica da “questão social”, revelando, assim, sua condição de determinação pela exploração da força de trabalho que resulta da relação capital/trabalho. A “questão social” está intimamente ligada à complexidade da exploração, não se restringindo apenas à determinação molecular. Ela implica a interação mediada por diversos componentes, como os históricos, políticos, culturais e subjetivos, afastando-se de causalidades únicas. Nesse sentido:

“A análise da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se necessariamente situada em uma arena de disputas entre projetos societários, informados por distintos interesses de classe, acerca de concepções e propostas para a condução das políticas econômicas e sociais.” (IAMAMOTO, 2001, p. 10)

A análise de Marx baseia-se no caráter de exploração do regime do capital, possibilitando compreender a anatomia da “questão social” dentro da sua complexidade e da sua necessidade para o desenvolvimento capitalista, que produz rigorosamente manifestações desta em seus inúmeros estágios. A “questão social” está essencialmente ligada ao regime do capital[SM3].

A análise marxiana fundada no caráter explorador do regime do capital permite, muito especialmente, situar com a radicalidade histórica a “questão social”, isto é, distingui-la das expressões sociais derivadas da escassez nas sociedades que precederam a ordem burguesa. A exploração não é um traço distintivo do regime do capital (sabe-se, de fato, que formas sociais assentadas na exploração precedem largamente a ordem burguesa); o que é distintivo desse regime é que a exploração se efetiva num marco de contradições e antagonismos que tornam, pela primeira vez na história registrada, suprimível sem supressão das condições nas quais se cria exponencialmente a riqueza social (NETTO, 2001, p. 46).

Em outras palavras, a exploração da força de trabalho pelo capital, fundamental para a estrutura burguesa e, necessária historicamente, para o avanço das forças produtivas, não resulta na diminuição da geração de riqueza, muito pelo contrário, é parte essencial da sua manutenção. Nesta abordagem teórica, a “questão social”, não está relacionada aos desdobramentos dos problemas sociais herdados pela burguesia ou a características

invariáveis da sociedade humana, mas está determinada pelas relações sociais de classe, raça e patriarcais de gênero que estruturam a sociabilidade capitalista.

Nessa perspectiva, a origem da "questão social" é explicada pelo processo de acumulação ou reprodução ampliada do capital, ou seja, os capitalistas incorporam inovações tecnológicas visando aumentar a produtividade do trabalho social e reduzir o tempo de trabalho socialmente necessário à produção de mercadorias. Esse processo resulta em um movimento simultâneo de aumento do capital constante e diminuição do capital variável empregado na força de trabalho.

Com isso, o decréscimo relativo de capital variável aparece inversamente como crescimento absoluto da população trabalhadora, mais rápido que os meios de ocupação. Assim, o processo de acumulação produz uma população relativamente supérflua e subsidiária às [suas] necessidades. [...] [O aumento da extração da mais valia relativa e absoluta] faz com que o trabalho excedente dos segmentos ocupados condene à ociosidade socialmente forçada amplos contingentes de trabalhadores aptos ao trabalho e impedidos de trabalhar [...]. Cresce, pois uma superpopulação relativa para esse padrão de desenvolvimento: não são os "inúteis para o mundo", a que se refere Castel, mas os supérfluos para o capital, acirrando a concorrência entre os trabalhadores – a oferta e a procura – com evidente interferência na regulação dos salários. [...] parcela da população trabalhadora cresce sempre mais rapidamente do que a necessidade de seu emprego para os fins de valorização do capital [...]. Gera, assim uma acumulação da miséria relativa à acumulação do capital, encontrando-se aí a raiz da produção/reprodução da questão social na sociedade capitalista (IAMAMOTO, 2001 p.14-15).


Entretanto, a análise teórica marxiana não respalda uma postura de inatividade sociopolítica baseada na espera por um momento de epifania revolucionária, um "dia D", em que o regime do capital seja completamente destruído, levando consigo a exploração. A análise marxiana fornece os fundamentos teórico-políticos para a crítica da ilusão de que possa acontecer reformas no sistema capitalista que possam alcançar essa mudança fundamental.

Considerando a compreensão desse estágio inicial da relação capital/trabalho que desencadeia a exploração e, por conseguinte, as primeiras manifestações, da "questão social", é importante agora analisar como essa dinâmica se manifestou durante o período conhecido como "as três décadas gloriosas" do capitalismo. Esse intervalo veio após a Segunda Guerra Mundial, durante o processo de reconstrução econômica e social que teve início na Europa Ocidental. Na primeira metade dos anos sessenta, o capitalismo vivenciou um amplo crescimento econômico, transformando-se em uma sociedade capitalista de abundância e consumo.

A construção do *Welfare State* na Europa nórdica e alguns países da Europa Ocidental, bem como o dinamismo da economia norte-americana (desde a segunda guerra, o carro chefe do capitalismo mundial), pareciam remeter para o passado a “questão social” e suas manifestações - elas eram um quase privilégio da periferia capitalista, às voltas com os seus problemas de “subdesenvolvimento”. Apenas os marxistas insistiam em assinalar que as melhorias no conjunto das condições de vida das massas trabalhadores não alteravam a essência exploradora do capitalismo, continuando a revelar-se através de intensos processos de pauperização relativa - apenas os marxistas e uns poucos críticos sociais, como Michael Harrington, que tinha coragem de investigar “a pobreza, o outro lado da América” (NETTO, 2001, p. 47).

Já nos primeiros anos da década de setenta do século XX, a onda expansiva de longo prazo do dinamismo capitalista chegou ao fim. A queda nas taxas de lucro, influenciada também pela crescente participação política do movimento operário, levou o capital a reagir com uma política ofensiva e econômica, que inicialmente repressiva e depois predominantemente ideológica. Esse novo fenômeno do capitalismo trata-se do que Ruy Braga denominou de restauração do capital (NETTO, 2001). A conciliação entre "globalização" e "neoliberalismo" surgiu para evidenciar a falta de qualquer "compromisso social" por parte do capital. Indicando assim, um rompimento com as políticas propostas pelo Welfare State, e o estabelecimento de um Estado mínimo, e as consequências sociais disso tornaram-se visíveis.

o capitalismo “globalizado”, “transnacional” e “pós-fordista” desvestir a pele de cordeiro - e a intelectualidade acadêmica, a mesma que em boa parcela considera Marx o criador de um “paradigma de crise”, descobriu a “nova pobreza”, os “excluídos” etc. - em suma, descobriu a “nova questão social” (NETTO, 2001, p. 49)

Nesse contexto de crise estrutural do capital, emerge o debate sobre a existência de uma “nova questão social”  esta surge como um subproduto da inadequação dos métodos tradicionais de gestão social, decorrente da crise do “Estado de Bem-Estar Social”. Com frequência, as estratégias para enfrentar essas novas manifestações se resumem a uma abordagem mais humanizada e eficaz dos problemas sociais, dentro dos limites da ordem estabelecida no contexto da globalização do capital sob a hegemonia do grande capital financeiro e das políticas neoliberais.

Dessa maneira, as respostas à “questão social” passam a ser canalizadas para os mecanismos reguladores do mercado e para as organizações privadas, as quais partilham com o Estado a implementação de programas focalizado e descentralizados de “combate a pobreza e à exclusão social” (IAMAMOTO, 2001, p.10)

De acordo com Netto, a análise aqui sustentada é a de que inexistem qualquer “nova questão social” (NETTO, 2001). Este é um período de surgimento de novas facetas da “questão social” que ultrapassam as manifestações tradicionais já conhecidas. Essa dinâmica, intrínseca à ordem capitalista, não apenas reforça os efeitos da exploração, mas também introduz em cada estágio de desenvolvimento uma variedade cada vez mais complexa de expressões da questão social. Essas expressões são o resultado do agravamento da exploração da força de trabalho e de um conjunto de formas de opressão que se tornaram necessárias para a reprodução social do sistema do capital. Portanto, o desafio é entender com precisão a relação entre essas novas manifestações e as formas predominantes de exploração e opressão.


Os desafios de determinar concretamente as expressões da “questão social” vão além da apreensão da relação de exploração inerente à ordem do capital. Mesmo considerando a natureza universal e globalizada da "lei geral da acumulação capitalista", essas expressões são marcadas por particularidades geopolíticas, histórico culturais e nacionais, que se entrecruzam elementos de relações de classe, geracionais, de gênero e etnia presentes em contextos sociais particulares, elementos esses que demandam, igualmente, uma análise concreta. O que significa dizer que a caracterização da “questão social”, em suas manifestações já conhecidas e em suas expressões novas, tem de considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais (NETTO, 2001).

2.2 QUESTÃO SOCIAL E AS PARTICULARIDADES DA QUESTÃO CULTURAL NO BRASIL

A "questão social" se manifesta por meio de várias expressões decorrentes da exploração da força de trabalho, como desemprego, baixos salários, trabalho informal, falta de moradia, pobreza extrema, falta de acesso a serviços de saúde, educação e lazer. No Brasil, assim como em qualquer lugar do mundo, essas expressões se apresentam de maneiras distintas. A formação da “questão social” no Brasil tem as suas particularidades, oriundas de um passado colonialista e marcado pela escravidão. Esse contexto adiou a formação de relações estritamente capitalistas no país, conduzindo a um desenvolvimento também singular.

O sistema escravista serviu como a base para a apropriação privada das riquezas geradas socialmente no Brasil. Através da utilização da mão de obra escravizada, os proprietários das plantações de café e das primeiras atividades econômicas consolidaram o seu capital.

Desse modo, entendo que a “questão racial” ou “étnico-cultural” é constitutiva da “questão social”, numa análise baseada no materialismo histórico e dialético, quando se analisa a formação social brasileira, com seus quatro séculos de escravidão e suas terríveis consequências - entre elas a produção do racismo - e a maioria expressiva e visível da população negra (pretos e pardos) na constituição deste país. (LIMA, 2013, p. 99)

Como processo inacabado do escravismo colonial,  primeiras manifestações da “questão social” no Brasil vão emergir mais amplamente com o fim do processo de escravidão, em 1888. A população negra recém liberta foi empurrada para as periferias das cidades, uma vez que os centros já estavam majoritariamente ocupados - território apropriado - pela elite burguesa da época. Essa divisão territorial, somada à inexistência da ação do Estado por meio de programas sociais que integrassem essa população à sociedade, se traduziu no surgimento dos primeiros aglomerados urbanos habitados pela população negra, marcando a intensificação da desigualdade social e racial nas áreas urbanas. Cabe registrar também que a Lei de Terras, instituída pouco antes, impediu o acesso dos trabalhadores libertos à produção de subsistência, já que sequer lhes foi permitida uma organização de tipo camponesa, muito menos uma reforma agrária. Ao trabalhador brasileiro recém-liberto da escravidão legaram um país que o impedia do acesso à terra no meio rural e que impugnava o direito à moradia e trabalho digno no espaço urbano.

A consolidação do Estado brasileiro marcou o início da formação do capitalismo no país, um processo inseparável da “questão racial”. Isso se dá devido ao fato de que a maioria da classe trabalhadora era composta por pessoas que haviam sido formalmente libertadas da escravidão e seus descendentes. Isso delineou um cenário no qual uma população superexplorada se viu obrigada a vender de forma muitas vezes aviltante sua força de trabalho para sobreviver, enquanto as riquezas eram apropriadas pela burguesia branca, que havia enriquecido à custa do sistema escravista.

A marginalização socioeconômica do negro já se tornava evidente no final do século XIX através da sistemática exclusão do elemento de cor pelas instituições (escola, fábrica etc.) que possibilitariam sua qualificação como força de trabalho compatível com as exigências do mercado urbano. Essa ‘desqualificação’ não era puramente tecnológica (isto é, não se limitava ao simples saber técnico), mas também cultural: os costumes, os modelos de comportamento, a religião e a própria cor da pele foram significados como *handicaps* negativos para os negros pelo processo socializante do capital industrial (SODRÉ, 1998, p.13-14)

O desenvolvimento do capitalismo tardio no Brasil começou a ser observado a partir da década de 1930 e se estendeu até os anos 1970. A formação de um mercado de trabalho específico no Brasil se caracterizou por um grande contingente de trabalhadores informais, recebendo salários baixos, bem como pela migração de muitos trabalhadores rurais para áreas urbanas em busca de melhores condições de vida por meio da venda de sua força de trabalho, já que a terra estava sob domínio do latifúndio. Nesse período, iniciou-se o processo de "industrialização pesada" no país, que envolveu a instalação de indústrias mecânicas, elétricas, químicas e metalúrgicas

A fase de "industrialização pesada" configurou-se no Brasil, a partir das características supramencionadas por Tavares: tanto a intensa intervenção estatal quanto a associação entre os capitais nacional e internacional, conformando um padrão de desenvolvimento que seria colocado em xeque ao final dos anos 1970 e, principalmente na década de 1980 (c.f. Cap. 4). Implantou-se, desse modo, uma nova estrutura industrial com base nas indústrias mecânicas, de material elétrico e comunicações, de material de transporte, química e uma nova indústria metalúrgica
(SANTOS, 2008)

No decorrer do processo de industrialização, a população negra liberta, no entanto, não foi plenamente integrada como força de trabalho assalariada. Isso se deve à preponderância da ideologia da classe dominante, fundamentada nos princípios racistas decorrentes do sistema escravista. Tal ideologia percebia os trabalhadores negros como inferiores para desempenhar o trabalho de maneira adequada. Nesse sentido, ocorre no país, de maneira incentivada, uma maciça importação de trabalhadores europeus para atender às demandas da burguesia, visando também, conseqüentemente, o embranquecimento da sociedade brasileira. Esse projeto pode ser refletido na ideia do "mito da democracia racial".

São fatores que contrabalançavam - mas não necessariamente negavam - o caminho que vinha sido trilhado por uma ciência com bases racistas, por uma política pública embranquecedora via imigração, num primeiro momento, e mais tarde pela influência ideológica do "mito da democracia racial" [...] Contudo, destas observações não se deve concluir que o mito da "democracia racial", construído a partir desse período e implícito na historiografia brasileira, à direita e à esquerda, proporcionou à população negra uma condição cidadã nos processos sociais que vieram a seguir (LIMA, 2013, p.103).

A imigração em massa aprofundou o problema do desemprego no Brasil, uma vez que o mercado de trabalho em crescimento não conseguia absorver completamente os

trabalhadores recém-libertos, os migrantes rurais que se deslocaram para áreas urbanas e os imigrantes. Essas particularidades na formação social e na consolidação do capitalismo no Brasil, que diferiam do ritmo dos países hegemônicos no cenário mundial, dão origem a uma "questão social" brasileira única, profundamente moldada pelos traços da colonização. Como afirma o autor Leonardo Ortegal:

Segundo Fernandes (1973), as classes sociais na América Latina não se formaram como nos países europeus, e as principais razões para isso seriam justamente a relação de dependência e subordinação que é exercida, bem como a herança colonial e escravagista que, em vez de superada, foi atualizada e reaproveitada para a nova realidade social do continente e, portanto, no Brasil. Dessa forma, as classes dominantes internacionais são responsáveis por limitar e condicionar o desenvolvimento e a realidade social brasileira, em um processo que é intensificado pelo fato de que as classes dominantes no período colonial-escravagista não cederam lugar a uma nova classe essencialmente burguesa e industrial, mantendo então os mesmos dinamismos coloniais que lhes favoreciam no período anterior (Idem). (FERNANDES, 1973, *apud* ORTEGAL, 2018, p.426)

Nesse sentido, compreende-se que o cenário de formação da classe trabalhadora no Brasil é o alicerce das relações que resultam de um capitalismo tardio, intrinsecamente dependente e enraizado no racismo estrutural. Essa situação se reflete nos dias atuais do país, onde a classe trabalhadora enfrenta a desigualdade social, a pobreza e a falta de acesso aos direitos sociais. Ademais, são relações sociais que favorecem a reprodução do racismo, do patriarcado e da misoginia. Podemos concluir, também, que a "questão social" no Brasil está intrinsecamente associada à raça e à cor da população. Nessa perspectiva, compreendendo a "questão social" como parte constitutiva das relações sociais capitalistas e expressão máxima das desigualdades sociais, esta requer no seu enfrentamento;

“a previdência das necessidades da coletividade dos trabalhadores, o chamamento à responsabilidade do Estado e a afirmação de políticas sociais de caráter universal, voltadas aos interesses das grandes majorias, condensando um processo histórico de lutas pela democratização da economia, da política, da cultura na construção da esfera pública.” (IAMAMOTO, 2001, p.10)


O entendimento da realidade exige, portanto, a articulação dialética entre economia, política e cultura em cada momento sócio-histórico. Como bem analisou Iamamoto (2001), a questão social é também resistência, pois expressa o modo como a classe trabalhadora em sua heterogeneidade e diversidade constrói suas estratégias de enfrentamento frente às formas de violação dos direitos, da diversidade, da violência, da fome e do desemprego.


A classe trabalhadora tem na cultura um campo estratégico de manifestação do seu modo de ser e viver. Assim, a análise da questão cultural é parte constituinte do entendimento da realidade em uma perspectiva de totalidade.

Para analisar a questão cultural no Brasil, partimos da afirmação de Carlos Nelson Coutinho de que não é possível compreender a problemática da cultura brasileira sem examinar algumas características da nossa intelectualidade, ligadas ao modo específico do desenvolvimento social em nosso país (COUTINHO, 2013). Entretanto, começaremos esta análise tratando do início da formação da cultura brasileira em relação a cultura universal. Sobre essa temática, voltamos ao período de desenvolvimento das formações econômico-sociais no Brasil, para entender como a formação da cultura brasileira é determinada pelo desenvolvimento do capitalismo mundial.

A criação de um conceito de nação brasileira não é resultado do modo de vida dos povos indígenas que aqui habitavam antes da invasão de Portugal ao território brasileiro, e sim do contraditório processo de acumulação primitiva do capital, que tinha seu centro dinâmico na Europa Ocidental (COUTINHO, 2013). Sobre os efeitos culturais desse processo, Marx e Engels descrevem que:

Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que bastavam a si próprias, desenvolveu-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material quanto à produção intelectual. As criações culturais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal (MARX, ENGELS, 1956, p.29)

Entendendo que a formação econômico-social do Brasil é determinada pela força de trabalho escrava  pela inexistência do trabalho “livre”, assalariado, o Brasil se apresenta nesse período como uma dependência colonial que tem seu modo de produção subordinado ao capital internacional, uma vez que o objetivo central do colonialismo, na época do capital mercantil, consistia em extorquir valores de uso produzidos pelas economias não capitalistas dos povos colonizados com a finalidade de transformá-los em valores de troca no mercado internacional (COUTINHO, 2013).


Nesse sentido, compreende-se que a formação econômico-social  brasileira estava situada no exterior, ou seja, a cultura europeia, que estava naquele momento se tornando universal, penetra no território brasileiro com certa facilidade. Não existia no Brasil, antes da

colonização, uma cultura autêntica nacional que fosse capaz de barrar a cultura europeia, isso, somado com a predisposição das elites brasileiras em ter como modelo os valores europeus e encontrar suas expressões ideológicas e culturais na Europa.

A história da cultura brasileira, portanto, pode ser esquematicamente definida como sendo a história da assimilação - mecânica ou crítica, passiva ou transformadora - da cultura universal (que é certamente uma cultura altamente diferenciada pelas várias classes e camadas sociais brasileiras. Em suma: quando o pensamento brasileiro “importa” uma ideologia universal, isso é a prova de que determinada classe ou camada social de nosso País encontrou (ou julgou encontrar) nessa ideologia a expressão de seus próprios interesses *brasileiros* de classe. (COUTINHO, 2013, p.36)

Nesse contexto, a cultura europeia se estabelece como modelo universal a ser seguido por outros territórios, em especial os periféricos. A narrativa da cultura universal, portanto, se desenrola a partir do princípio da soberania ocidental e eurocêntrica de uma ideologia fundamentada no controle europeu sobre os demais continentes.

Com o início da industrialização, e a passagem para a fase propriamente capitalista brasileira, mesmo que com a conservação dos aspectos pré-capitalistas, a estrutura de classes vai se tornando cada vez mais semelhante com as das sociedades capitalistas em geral, tornando as expressões ideológicas importadas, ainda que mais adaptadas ao cenário nacional, cada vez mais aproximadas com as contradições da cultura universal daquele período.

Dessa forma, compreende-se que a centralidade da questão cultural brasileira se encontra na escassez de uma densidade nacional popular de seus produtos, ou seja, na carência de uma produção cultural intrinsecamente ligada ao popular  a predominância de uma cultura elitista que se revelou, nas primeiras décadas do século XX, incapaz de promover uma consciência crítica efetiva entre a sociedade civil. Esse fenômeno é lido pelo autor Carlos Nelson Coutinho, como consequência dos processos de transformação social “pelo alto” (revolução passiva, via prussiana ou modernização conservadora). Esses foram

² Cabe ressaltar que a seguinte afirmação não desconsidera o fato de no Brasil nesse período havia o surgimento de produções culturais autênticas, como o samba. Trata-se de uma afirmação que reforça o caráter de dominância da cultura elitista e importada sob as ainda enfraquecidas culturas intrinsecamente ligadas ao popular no Brasil. Dessa forma, entende-se que essas culturas não tinham força o suficiente para barrar as culturas universais. Como afirma o autor Marcelo Braz (2013) “O samba como praxis artístico-cultural é também expressão de uma “questão cultural” inserida no âmbito das relações sociais que conformaram a formação social brasileira. O seu processo de formação abrange um complexo contraditório que envolve sua legitimação e institucionalização, bem como a posterior comercialização de sua produção cultural, incluindo um vasto debate sobre a sua gênese, desenvolvimento e consequências para a cultura brasileira e em especial para a musica popular [...]”

processos marcantes na história brasileira, que dificultaram a participação da sociedade civil, tanto na esfera política, quanto na esfera cultural. Nesse sentido, a categoria “via prussiana” é essencial para entender a questão cultural no Brasil. Esse conceito é expresso nas palavras do autor Carlos Nelson Coutinho.

Mas, generalizando o conceito, pode-se dizer que - na base de uma solução "prussiana" global para a questão da transição ao capitalismo - todas as grandes alternativas concretas vividas pelo nosso país, direta ou indiretamente ligadas àquela transição (Independência, Abolição, República, modificação do bloco de poder em 1930 e 1937, passagem para um novo patamar de acumulação em 1964), encontraram uma resposta “à prussiana”; uma resposta na qual a conciliação “pelo alto” jamais escondeu a intenção explícita de manter marginalizadas ou reprimidas - de qualquer modo, fora do âmbito das decisões- as classes e camadas sociais “de baixo” (COUTINHO, 2013, p. 45-46)

Essa transformação social pelo alto, sem participação popular, aparece como determinante essencial da cultura brasileira. Isso significa dizer que, no Brasil, os processos de transformação social ocorreram sempre num quadro de modernização conservadora, ou seja, conciliação com atraso. No Brasil, ao invés das antigas forças sociais serem extinguidas por movimentações sociais oriundas das classes “de baixo”, o que ocorreu foi um reformismo pelo alto, sem a participação popular, reprimindo as classes populares.

Esse processo tem profundas repercussões negativas na formação da intelectualidade no Brasil. Desde o início da formação do Brasil independente, se desenvolveu nos intelectuais brasileiros, aquilo Coutinho (2013) chamou de “intimismo à sombra do poder”, um intelectual intimista é aquele que foi cooptado pelo Estado, e se coloca a serviço das classes dominantes enquanto defensores de determinada ideologia. Nesse sentido, o povo permanece ausente, não somente do processo político, como afastado da produção intelectual e, conseqüentemente, cultural do país. A partir disso, a cultura brasileira assume um papel de “ornamentalidade” uma vez que não existia, na sua criação, a sua peça chave da vida cultura, a sociedade civil, perdendo assim, o seu caráter essencial de expressar a consciência social das classes e de organizar a hegemonia ideológica de uma classe sobre o conjunto de seus aliados reais ou potenciais (COUTINHO,2013)

Diante da ausência do povo no processo político e cultural no Brasil, essa separação entre os intelectuais e as camadas baixas da população gerou uma carência na vida cultural do povo brasileiro, que foi impedido da tomada de consciência da sua realidade a partir de sua própria percepção. Contudo, a cultura brasileira apresenta esforços para superar essas carências, considerando que os homens desenvolvem as formas de consciência, que vão orientar o seu modo de vida diante das transformações das estruturas sociais, rompendo assim, com o modelo “prussiano” de transformação da formação sócio-histórica brasileira.

Nesse sentido, Coutinho (2013) aponta como uma alternativa à cultura “intimista”, ou do elitismo cultural, o conceito de nacional-popular. Entendendo que a cultura brasileira se vincula ao patrimônio universal cultural de maneira permanente, o nacional-popular é, essencialmente, a articulação da intelectualidade “intimista” e do povo, tornando estes, após esta articulação, “intelectuais orgânicos” das correntes populares. Entretanto, não deve ser confundido como algo oposto ao universal, ou seja, o nacional-popular não se trata de um movimento que nega a integração da cultura “importada” à realidade brasileira, até por que tal fato seria impossível dado o contexto da formação sócio-histórica do território nacional, mas compreende que tal importação tem como objetivo principal satisfazer as exigências de um círculo restrito de intelectuais “intimistas” (COUTINHO,2013).

É preciso, também, se atentar aos equívocos a respeito da ideia de que o nacional-popular não deve ser confundido como uma barreira frente às conquistas progressistas da cultura mundial, tal fato se relaciona muito mais com o populismo, ou o chamado “nacionalismo cultural”. Como já dito, o nacional-popular não defende uma cultura nacional que se coloca acima da cultura estrangeira, e sim se coloca em frente de luta contra o “idealismo” e “falta de realismo” da cultura progressista mundial quando comparada à nossa vida social concreta (COUTINHO, 2013). Tal dialética se expressa no exemplo de que:

Se observarmos nossa história, veremos facilmente que tal “nacionalismo cultural”, desde a época da luta da Coroa portuguesa contra a penetração de ideais iluministas no Brasil até os recentes ataques da ditadura contra o marxismo em combinação com a defesa de uma “democracia relativa” (“adequada” à realidade brasileira), serviu sempre para impedir - em nome da recusa de “ideologias exóticas” contrárias à “índole” do nosso país - a concreta assimilação dos instrumentos ideológicos capazes de conduzir efetivamente o povo brasileiro à sua afirmação nacional e democrática. Por isso, tem razão Mercadante quando observa: “A preocupação de adaptar, de ajustar a experiência estrangeira às condições nacionais decorre do próprio espírito de conciliação”. Em outras palavras: o “nacionalismo cultural” é uma das principais manifestações da “via prussiana” antipopular. (é claro que nada tem a ver com esse “nacionalismo cultural” retrógrado a luta contra a penetração de produtos culturais alienados, impostos ao nosso povo sobretudo através dos modernos meio de comunicação de massa; como veremos adiante uma das características do nacional-popular é precisamente a capacidade de distinguir entre o válido e o não válido no seio do patrimônio cultural universal) (COUTINHO, 2013, p.48-49).

Dessa forma, não existe uma regra, ou um modelo estético-artístico a ser seguido pelo nacional-popular, entendendo que a consciência artística desse conceito, se expressa através do ângulo de abordagem e não na temática artística, o nacional-popular se vale do princípio dialético de que “a verdade é sempre concreta”. Somente a análise concreta de cada período é capaz de indicar qual classe é capaz de se constituir em classe efetivamente nacional

(COUTINHO,2013). Sendo assim, quanto mais um artista se aproximar da totalidade das contradições da sua nação, mais ele se aproximará de uma abordagem real, essencial para a construção de uma arte que seja de fato nacional-popular.

Estas características, conformadas na gênese da formação sócio-histórica brasileira, seguem atuando contemporaneamente, uma vez que o processo histórico do país não sofreu rupturas que permitissem uma democratização nem da riqueza material e nem da política e, conseqüentemente, também da cultural, que hoje adquire novas contradições somadas aos processos de dominação e de alienação que as classes dominantes impõem as classes trabalhadoras.

3 O MOVIMENTO PUNK E AS PARTICULARIDADES DA SUA CHEGADA NO BRASIL

No período do fim da década de 1970, a sociedade vivia um amplo ciclo de transformações, o avanço industrial desencadeou um estado generalizado de crise do capital, marcado por mudanças político-econômicas e de controle das relações de trabalho. Essa nova conjuntura é marcada por manifestações de novos fenômenos sociais que resultaram em novos processos culturais. É nesse contexto de crise do capital que nasce o punk, mais precisamente na Inglaterra e nos Estados Unidos. O punk é um movimento cultural, musical e estético, que surge a partir da insatisfação do público jovem com as músicas lentas de rock progressivo, hippies e da era disco. Com acordes simples e distorcidos, as primeiras bandas punks faziam uma música rudimentar caracterizada por um som rápido e agressivo, em resposta aos virtuosos e aplicados músicos de rock da época que faziam um som complexo e demorado.

Conforme Guerra e Silva (2015) destacam, o punk é um movimento cultural que se apropria de uma série de particularidades. Ele se posiciona à margem do que é considerado a cultura estabelecida, desafiando as normas instituídas. O punk se caracteriza por questionar os padrões e símbolos naturalizados pela sociedade capitalista (como, por exemplo, a premissa de que as pessoas tem que seguir um plano, ou um caminho pré-traçado, de arrumar um “bom emprego”, casar, construir uma família, etc. Onde tudo que fuja desse padrão é considerado errado ou mal visto pela sociedade capitalista). Além disso, busca a coerência pessoal, estabelecendo uma conexão entre o discurso e a ação. Esses são elementos

fundamentais que demarcam e contrastam o punk das outras subculturas (SILVA, GUERRA, 2015).

O *punk* seria nessa visão uma espécie de antítese do *hippie* e da geração *flowerpower*. Se por um lado os *hippies*⁵⁵ (ou ao menos no seu estereótipo mais conhecido) trazem um discurso de esperança, paz e amor, o punk traz um discurso cru e esteticamente agressivo, violento. “Não há esperança! Não há futuro!”, gritam os *punks*. Se a geração anterior se apresentava com uma diversidade de cores e cabelos compridos, o *punk* surge com o negro e com cabelos curtos espetados. Se a poética *hippie* era “lisérgica”, o *punk* surge com uma poesia direta, “nua e crua”. Se *rock* da geração anterior é complexo e rebuscado, o *punk* apresenta o *rock* no auge de sua simplicidade: direto, com três notas, produzido com o máximo de atrito (MORAES, 2017, p. 35).

Neste capítulo abordaremos a origem mundial do punk e sua inserção na realidade brasileira como um movimento artístico sociocultural formado na periferia por segmentos da juventude que questionam o cotidiano de violência e de violação dos direitos, produto do desenvolvimento capitalista. Analisaremos, também, em determinadas letras das músicas, os elementos que caracterizam a identidade de resistência e de crítica às expressões da questão social.

3.1 “GRITO SUBURBANO” E A IDENTIDADE SOCIOCULTURAL PUNK BRASILEIRA

Entendendo que o punk surge como resposta ao rock n’ roll comercial, o punk como movimento musical tinha como finalidade quebrar as barreiras tradicionais do modo de se pensar e produzir música, em que cada pessoa pudesse ser capaz de produzir suas próprias músicas, longe das amarras das grandes gravadoras da época, que pouco interesse tinha nesse novo movimento e que tinha preocupações apenas com a vinculação comercial. Assim surge o ideal punk D.I.Y (Do It Yourself) ou “faça você mesmo”, que vai pautar não somente a questão musical, mas também estética e visual, o que abriria a possibilidade de criar uma cultura punk. A ideia de que o jovem poderia ter domínio de sua própria cultura é uma essência norteadora da prática *punk*. Ou seja, não se trata apenas de um movimento de protesto social que visa questionar com o seu conteúdo a ordem social, mas ir além, e questionar a forma da própria produção cultural de contestação. (MORAES, 2019).

Sobre as particularidades do punk no Brasil, o contexto social do seu surgimento, em um país de capitalismo periférico, fez com o que o movimento aqui tivesse suas peculiaridades quando comparado com o punk de vertente inglesa ou americana. Enquanto o movimento punk dos países de capitalismo central abordava temas mais ligados a problemas

globais, como guerras internacionais por exemplo, por ter surgido em meio a uma crise capitalista das democracias liberais, o punk brasileiro falava de miséria, fome, repressão, enfatizando a sua condição de surgimento em meio ao regime militar. Dessa forma, entende-se que o punk no Brasil foi forjado no decorrer da ditadura civil-militar, enquanto um fenômeno da juventude trabalhadora vitimada pela repressão (MORAES, 2019).

O punk chega ao Brasil nos subúrbios e periferias da cidade de São Paulo, com o surgimento das primeiras bandas, em 1978, como AI -5, Restos De nada e Condutores de Cadáveres, e somente em meados de 1981 viria o surgimento de outras bandas com visibilidade nacional como Cólera, Ratos de Porão, Inocentes, etc. Percebe-se que o punk utilizava tudo o que estivesse ao seu alcance para expressar sua rebeldia, podemos observar isso pelos nomes das bandas, evidenciando que a agressão social já começava nos próprios nomes (BIVAR, 1982).

Sobre este tema, há um debate sobre o “verdadeiro” local de surgimento do punk no Brasil. Alguns afirmam Brasília, enquanto outros argumentam São Paulo. No entanto, é sabido que em Brasília, o punk se tornaria popular entre os jovens de classe média e alta, filhos de diplomatas que por meio de suas viagens tinham acesso aos discos das bandas de punk. Esse movimento deu origem a bandas como Aborto Elétrico, Legião Urbana, Capital Inicial e Bebe Rude. Enquanto em São Paulo, surge entre os jovens da periferia. Sobre o surgimento do punk em São Paulo, Bivar coloca que:

Por ser a maior cidade do país, é nela onde acontecem mais coisas. Nela tem-se acesso a um número maior de informações e só dela, no Brasil, poderia ter surgido um movimento de rebeldia jovem urbana, como é o caso do punk— o primeiro movimento recente com estilo, dentro de uma cidade que há muito perdeu seu próprio estilo (BIVAR, 1982, p.94).

Ainda que sejam importantes as contribuições das bandas punks de Brasília para o movimento, não cabe aqui desmistificar onde surgiu o “verdadeiro punk”, e sim de entender como esse fenômeno foi apropriado, lido e vivenciado por segmentos da classe trabalhadora, em seus extratos mais jovens (MORAES, 2019).

Para compreender tais particularidades, é necessário buscar o entendimento da identidade do punk brasileiro. À primeira vista, nota-se que o punk brasileiro não deve ser entendido como uma cópia importada do punk internacional, mas sim uma expressão sociocultural adaptada à realidade brasileira, com base em referenciais suburbanos. As

particularidades do punk nacional se dão a partir da incorporação de elementos da cultura suburbana presentes na essência do movimento.

A suburbanidade é elemento determinante do punk brasileiro, pois o seu conteúdo era entrelaçado por valores da sua classe social. No contexto da década de 1980, o punk expressa uma difusão ideológica que se pautava em desafiar os elementos da ordem estabelecida, em que a violência e agressão, física ou visual, é lida como forma de enfrentamento ao mundo externo. Mas o punk não se resume apenas ao visual e à música crua. Ele representa, também, uma crítica e um ataque direto a uma sociedade exploradora, estagnada e imersa em seus próprios vícios (BIVAR, 1982). Nesse cenário, prevalecia a ideia de que:

[...] o punk era o sujo, podre, violento, anti-burguês, anti-hippie, anti-moderno, e o visual era o escrachado; a violência era marcante, eram os niilistas, ou melhor, os “sem futuro”, assumindo esta postura sem definir exatamente uma ideologia que o explicasse e daí coexistiam diferentes atitudes e ideias, onde a identidade estava muito ligada ao visual e às atitudes que rompem com os padrões estabelecidos (PEDROSO, SOUZA, 1983, p.33).

Compreende-se que o punk no Brasil, desde seu surgimento, serviu como espaço aglutinador para os jovens suburbanos, de forma que a adesão desses jovens ao movimento significou a oportunidade de expressar a indignação de uma geração diante da violência, desemprego, pobreza e repressão que aconteciam no país. A ditadura civil-militar que durou mais de duas décadas deixou marcas profundas na sociedade, com restrição à liberdade de expressão e aos direitos civis. Assim, parte da juventude brasileira estava ansiosa por mudanças. Soma-se a isso o sentimento de certa ausência, até então, de uma música dedicada aos jovens rebeldes e periféricos, que não se sentiam representados pela complexidade predominante das músicas de protesto que atingiam a classe média brasileira no mesmo período (VIEIRA, 2017).

Ademais, denota-se que elementos da vivência suburbana perpassam grande parte das produções do punk brasileiro da década de 1980, que refletiam o contexto político e a construção de uma identidade que expressava a revolta dos oprimidos. A interação do movimento punk com o contexto social estava intrinsecamente ligada à violência, a qual, por sua vez, refletia uma perspectiva de interpretação do mundo e o descontentamento com esta ordem vigente, que indiretamente os aproximava de traços que remetem ao marxismo no âmbito da luta de classes (VIEIRA, 2017).

Com a chegada do punk no Brasil, e a sua popularização entre os jovens periféricos que andavam pelas ruas dos grandes centros urbanos, sua estética agressiva causou estranhamento entre o resto da população, criando assim o questionamento “o que é punk?”. Nesse sentido, coube a grande mídia responder tal pergunta. Foi nesse período, ainda inicial, do punk brasileiro que começaram a veicular matérias em revistas, jornais e programas de televisão que tentavam desvendar esse novo fenômeno. A maioria dessas matérias eram sensacionalistas e não tinham como real intuito revelar o que era o movimento punk, e mais ajudaram a criar estereótipos equivocados sobre o estilo de vida desses jovens, tratando-os, dentre outros insultos e simplificações, como vagabundos, violentos, drogados e perturbadores da paz. Quando na realidade, sabe-se que a maioria dos jovens punks de São Paulo eram membros da classe trabalhadora, na sua maioria trabalhava como Office Boys ou feirantes.

A maioria dos punks trabalha. Em bancos, escritórios, lojas, indústrias etc. São office-boys, auxiliares de escritório, comerciários, balconistas, recepcionistas (as garotas), operários, feirantes, proletários. Os que não trabalham é porque realmente o emprego não está fácil. Todos querem trabalhar (BIVAR, 1982, p.97).

É nesse contexto que surge a obra “O que é punk”, de Antônio Bivar (1982), publicado na coleção “Primeiros Passos” da Editora Brasiliense. O livro é considerado o primeiro grande estudo sobre o punk no Brasil. A obra de Bivar trata do surgimento do punk fora do Brasil e das particularidades gerais do movimento no território nacional. Grande agitador cultural e um dos primeiros intelectuais a refletirem sobre o punk no Brasil, Bivar é reconhecido pelos punks como o escritor que melhor representou a realidade do punk brasileiro, uma vez que já era familiarizado com o início do movimento na Inglaterra, e que aqui no Brasil conviveu com esses jovens, se tornando parte desse grupo.

Ressalta-se também, a importância de Bivar como o idealizador e organizador do festival “O Começo do Fim do Mundo”, realizado no Sesc Pompeia em 1982, onde vinte bandas se apresentaram no evento que recebeu três mil espectadores. No segundo dia do festival, a polícia invadiu o evento para queimar documentos relacionados à ditadura (fanzines, cartazes, filmes, materiais das bandas, etc), diante dos ataques repressivos, em meio a bombas, gás lacrimogêneo e pontapés, os punks se refugiaram em uma igreja evangélica, que os acolheu dos ataques da polícia. Sobre esse acontecimento histórico, Pepe Escobar afirma que: “Este festival é muito importante para colocar os punks de São Paulo no

devido contexto das transformações que estão ocorrendo no espaço cultural da cidade” (ESCOBAR, 1982).

Ainda sobre as primeiras produções do punk em território nacional, cabe ressaltar que o primeiro registro físico é o disco intitulado de “*Grito Suburbano*”, nele continham músicas de três bandas, Olho Seco, Cólera e Inocentes. O disco é uma compilação das três bandas e foi gravado a partir do ideal punk “faça você mesmo”, ou seja, sem o apoio das gravadoras, as bandas produziram os discos por elas mesmas, resultando numa qualidade sonora “suja” e agressiva que também serviria para moldar a identidade musical punk nacional. Como citado anteriormente, outras bandas do final da década de 1970 já abriam o caminho do punk brasileiro, porém estas só iriam gravar algum material anos depois.

Num segundo momento histórico para o movimento, em resposta a uma matéria sensacionalista publicada pelo jornal Folha de São Paulo, Clemente, vocalista da banda *Inocentes* e ex-membro da banda *Restos de Nada*, escreve o “Manifesto Punk”. Merece destaque a seguinte passagem:

Estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira, para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer (DAPIEVE, 1995).

Escrito por Clemente, na casa de Antônio Bivar, o manifesto punk evidenciava, além dos ideais dos punks brasileiros, a quebra com as amarrações culturais de época e o modo como não se sentiam representados pela complexidade predominante das músicas de protesto que atingiam a classe média brasileira daquele período (VIEIRA, 2017). Nesse sentido, ficaria explícito a partir desse protesto que os punks queriam definitivamente adentrar ao espaço cultural brasileiro de vez, queriam se fixar como sendo um movimento genuinamente original de veiculação de protestos (BRECHOTI, 2010).

Ao se firmar como movimento identitário para esses jovens suburbanos, o punk surge como uma oportunidade para expressar a sua indignação frente à violência, desemprego, violação de direitos, reprodução de preconceitos e repressão, entre outras expressões da “questão social”. Ainda sobre o caráter político do punks, entende-se pelas letras que esses visavam uma mudança societária, entrelaçada por distintas ideologias políticas, todas identificadas pelo ideário de esquerda. As produções musicais, sempre tinham como foco a

crítica ao capitalismo, mesmo que indiretamente, é possível apreender no discurso punk brasileiro um posicionamento político frente às expressões da “questão social”, conseqüentes da desigualdade social. Sobre isso, o autor Cezar Augusto Melão nos mostra que:

A maioria das bandas punks aborda esse tema em suas letras; às vezes é o tema central das canções, às vezes, não, porém quase sempre está presente. As canções punks também expressam rebeldia ao se posicionarem contra o discurso político, o religioso, o de certas tendências musicais e o de outras esferas sociais. Em síntese, pode-se dizer que a grande característica das letras das canções punks é a crítica a sociedade organizada, às suas instituições e às ideologias que estas veiculam (2010, p.91).

Dessa forma, entende-se que o punk é um modo de vida que expressa valores, que se manifestam tanto nas suas obras que são mais especificamente culturais, como a produção musical, na vida cotidiana dos punks, no modo como seus corpos ocupam o espaço urbano, no modo como se vestem, como se portam, como se alimentam e como convivem (SILVATI, 2021). Compreendendo o punk brasileiro não somente como um fenômeno musical, mas também como a expressão de uma classe, não se tratando apenas de uma simples expressão da juventude suburbana frente a um contexto de repressão, busca-se, analisar como esses jovens punks conseguiram, nos limites objetivos e subjetivos das suas condições de vida, criar uma cultura própria e particular.

Em suma, depreender do *punk* aquilo que ele pode “nos dizer sobre seu tempo”, mas também perceber de que forma ele interveio no seu tempo, por meio de escolhas conscientes de seus agentes, criação. Valorizar a forma que os trabalhadores lutam, mas também discutir a forma que cantam, dançam, tocam, as quais também podem ser entendidas como formas de agência, luta. (MORAES, 2019, p.21).

O punk no Brasil foi muito mais do que apenas um gênero musical; foi um movimento cultural e uma forma de resistência. Diante de um contexto histórico e social desafiador, o punk brasileiro permitiu que segmentos da juventude, notadamente periférica, se expressasse, desafiasse o status quo e buscasse mudanças. O punk é, portanto, uma parte significativa da história cultural e musical do Brasil, deixando um impacto profundo e duradouro.

3.2 PARA A CRÍTICA DO COTIDIANO DESIGUAL: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA QUESTÃO SOCIAL NAS COMPOSIÇÕES PUNKS BRASILEIRAS

Dentre os diversos representantes do movimento punk no Brasil, coloca-se em destaque para uma breve análise musical desse fenômeno, quatro bandas que foram escolhidas por serem importantes porta-vozes do punk brasileiro e por utilizarem sua música como ferramenta de resistência e conscientização frente ao contexto de desigualdade social e repressão do Brasil na década de 1980. Dessa forma, as análises feitas serão embasadas nas discussões provocadas anteriormente neste trabalho, de maneira a buscar compreender como as expressões da “questão social” se encontram na produção cultural punk brasileira através das suas letras.

Para pensar nessas bandas, é preciso entender, de maneira sucinta, a sua história e importância para o movimento punk brasileiro. Nesse sentido, contextualizaremos seu surgimento e importância, dando visibilidade para as suas produções.

A primeira banda a ser analisada aqui é a banda Ratos de Porão. Uma das bandas mais icônicas da cena punk brasileira, surge na Vila Piauí, bairro periférico da Zona Oeste de São Paulo. A banda se consolida quando João Gordo se junta a Jão, Mingau, Jabá e Spaghetti em 1981, inspirados pelas bandas punk internacionais, o grupo se destacou pela sua música rápida, barulhenta e agressiva, refletindo a agitação e a rebeldia da juventude da época.

O Ratos de Porão desempenhou um papel fundamental na consolidação e expansão do movimento punk no Brasil. A banda se destacou por sua abordagem visual agressiva e letras que abordavam temas sociais e políticos, tornando-se uma das vozes mais contundentes da juventude brasileira na época. Em um período em que o Brasil ainda vivenciava o regime militar, a banda usou suas músicas para denunciar a opressão do governo, a violência policial e as expressões da desigualdade social. Isso ressoou profundamente na juventude brasileira, muitos dos quais estavam buscando uma forma de manifestar seu descontentamento e se opor à ditadura. A banda não apenas influenciou o som, mas também a atitude e a resistência que são inerentes ao punk. Dado o panorama geral de surgimento e conceituação da banda, cabe agora analisar as produções do grupo. Começaremos com as músicas “Agressão Repressão” e “Porcos Sanguinários”.

Agressão Repressão(1981):

É preciso mudar o sistema policial
 Porque eles estão matando a pau gente decente
 É preciso mudar o sistema policial
 Porque eles estão matando a pau gente inocente
 Em vez de proteger a população
 Vivem agredindo algum cidadão sem nenhuma razão
 Agressão, repressão
 Agressão, repressão
 É preciso mudar o sistema policial
 Porque já estamos cansados de agressão
 Agressão, repressão (3x)

Porcos Sanguinários (1989):

Abuso do poder
 Falso moralismo
 Merda na cabeça
 Na mão um três-oitão
 São uns porcos sanguinários
 Sádicos nojentos, eles querem te humilhar
 São uns porcos sanguinários
 Mão na cabeça, é melhor obedecer
 Medo em cada esquina
 Terror no camburão
 A cana é sua sina
 Se tiver cheiro na mão
 São uns porcos sanguinários
 Sádicos nojentos, eles querem te humilhar
 São uns porcos sanguinários
 Mão na cabeça, é melhor obedecer
 Assinar um flagrante
 Levando só porrada
 Você pode não ter culpa

Sua sorte está lançada
 São uns porcos sanguinários (3x)
 Sádicos nojentos, eles querem te humilhar
 São uns porcos sanguinários
 Mão na cabeça, é melhor obedecer

Duas composições da banda que retratam a mesma realidade. As músicas denunciam a violência policial, marca registrada do Brasil, trazendo à tona o mecanismo corrupto e truculento da Polícia Militar brasileira, que age como braço forte do Estado. A polícia como uma instituição que exprime o monopólio da violência e repressão pelo Estado, contra as classes trabalhadoras e subalternizadas, direcionando seus ataques à população negra e periférica do país. A letra denuncia não somente o abuso do poder, mas também o modo operante sádico, de caráter desumanizador, com a reprodução de padrões de humilhação na abordagem e ações cometidas por esses agentes, que têm como objetivo a manutenção da burguesia como classe dominante e a descaracterização das formas de resistência popular.

Ratos de Porão - Periferia (1981)

Periferia!
 Tudo acontece na periferia
 Brigas, mortes na periferia
 Tiros, sangue na periferia, na periferia
 Tudo acontece na periferia
 Bagulho corre direto na periferia
 Fazemos muita anarquia na periferia, na periferia
 Tudo acontece na periferia
 Tudo acontece na periferia
 Brigas, mortes na periferia
 Tiros, sangue na periferia, na periferia
 Tudo acontece na periferia
 Periferia
 Periferia
 Periferia

Enfatiza a condição periférica dos jovens que compunham parte do movimento punk brasileiro e narra a realidade de uma parte da população que se vê obrigada a conviver em meio a violência, causada por um Estado que negligencia as condições de vida e de trabalho dessa parcela da população. Entendo o surgimento das periferias como resultado histórico da exclusão e exploração do povo negro no período após abolição como já analisado neste trabalho. É possível fazer uma leitura da periferia tratada na música como uma periferia local, onde a maioria dos punks viviam, dada suas condições de classe e cor, como pode, também, ser feita a leitura da posição periférica do Brasil em relação ao capitalismo mundial, entendendo que:

[...] a subordinação dos países periféricos aos centrais impõe especificidades ao Estado, ao passo que tem sua soberania limitada pelo capital internacional e atua junto deste contra os interesses nacionais, entregando riquezas e usando da força contra o próprio povo, submetendo-os ao trabalho mais precarizado (ISOTTON, 2021, p 37).

Ainda sobre a letra da música, podemos fazer uma sucinta análise a respeito do caráter político da ideologia punk, uma vez que aparece na letra a seguinte frase “Fazemos muita anarquia na periferia, na periferia”. É certo que os punks nunca adotaram uma postura partidária, uma vez que esses viam toda a representação de poder como adversária. Os punks só vão demonstrar alguma relação com partidos políticos no Brasil a partir da década de 2000 (mesmo havendo relatos que muitos votavam no Partido dos Trabalhadores no período da década de 1980). É fato também, que os punks adotaram a ideologia anarquista nas suas letras, nos símbolos carregados em suas roupas, entre outras formas de expressão. Entretanto, sobre a relação dos punks com o anarquismo, Escobar analisa que:

O anarquismo que concebem, como outros sonhadores, é uma espécie de Forma Poética, que não vem do passado, mas apenas do futuro. Uma vivência existencial, e não uma política, filosofia ou ética. Uma autodefesa frente a um mundo hostil (ESCOBAR, 1982, p.34)

Outra banda que se destaca no cenário punk brasileiro é a banda Cólera. A banda surge na Vila Carolina, subúrbio paulistano, e é liderada pelos irmãos Pierre e Redson Pozzi. Em 1984, o grupo lança seu primeiro disco intitulado “Tente Mudar o Amanhã”, onde sobressai um discurso politizado e fortemente marcado por características pacifistas, fato incomum para o punk da época. Começaremos analisando a música “Funcionários” do álbum “Pela Paz em Todo Mundo”, de 1986.

Cólera- Funcionários (1986):

Funcionários!

Toque um hino que rime

Com a hora, hora, hora

De gritar, de negar

Ao Diabo os fascistas!

Deixe sua cabeça funcionar!

Deixe sua cabeça funcionar!(2x)

Para quem você trabalha?

Para quem você entrega

Seu suor, sua alma?

Temos que mudar, mudar!

Deixe sua cabeça funcionar!

Deixe sua cabeça funcionar!

Deixe sua cabeça funcionar!

Deixe sua cabeça funcionar!

Para quem você trabalha?

Para quem você entrega

Seu suor, sua alma?

Temos que mudar, mudar!

Deixe sua cabeça funcionar!

Deixe sua cabeça funcionar! (2x)

Refletindo sobre o lugar e a função do trabalhador na sociedade capitalista, a letra denuncia a ação desmedida da ordem do capital ao impor uma jornada de trabalho que leva ao esgotamento e ao desgaste físico da classe trabalhadora. Expressa sentimento de revolta e uma quase convocação para a mudança, deixando nítida a insatisfação com as relações de trabalho. Compreende-se, a partir de pressupostos apresentados ao longo do trabalho, que a letra pode ser lida como um estímulo à organização da classe trabalhadora e o enfrentamento contra o capital, a partir da possibilidade de tomada de consciência de classe em si, para si. A respeito dessa concepção de autoconsciência de classe observada na produção punks, utiliza-se as contribuições de Netto para iluminar a questão:

Não bastava a existência histórico-concreta de uma classe social revolucionária para que emergisse uma consciência de classe revolucionária — era preciso a elaboração teórica da perspectiva desta classe, e este passo não derivava, nem era uma simples resultante, daquela existência. Sinteticamente: o trânsito de uma *classe em si* à condição de *classe para si* reclama tanto a consciência do que está em jogo nos confrontos quanto a autoconsciência da classe que se dispõe à luta. É da elaboração e explicitação desta autoconsciência, desta consciente perspectiva de classe, que o Manifesto se fez responsável (NETTO, 1998, p 17).

Obviamente que este processo de formação da consciência de classe não é nem imediato nem mecânico, constituindo-se um movimento tortuoso, complexo e permeado por contradições.

A banda punk – Inocentes - surgiu na região da Brasilândia, em São Paulo, no ano de 1981. Com letras abordando críticas sociais, desigualdade e resistência, os Inocentes foram importantes impulsionadores na consolidação do movimento punk como uma expressão de protesto e resistência no cenário musical brasileiro, influenciando a atitude e a consciência política de uma geração de jovens da sua época.

Inocente - Miséria e fome (1983):

É tão difícil viver entre a miséria e a fome
 Senti-la na carne e ter que ficar parado, calado
 É tão difícil entender como homens armados
 Expulsam outros homens das terras em que
 Eles nasceram e se criaram, que são deles por direito
 Para lá plantarem nada, nada, nada
 É tão difícil entender como o governo pode permitir
 Que os homens saiam do campo e venham
 Para a cidade criar mais miséria, criar mais fome
 Não estou culpando ninguém
 Não estou acusando ninguém
 Apenas conto o que eu vi
 Apenas conto o que eu senti
 Miséria e fome(4x)
 Não, não

A Música narra uma realidade que é reflexo do pauperismo, conseqüente do êxodo rural, questionando a posição do governo. Nos faz refletir sobre as condições de vida no desenvolvimento acelerado e desigual dos grandes centros urbanos. Expressa sentido de revolta diante a falta de escolha e imobilismo. Na frase “Expulsão armada dos homens das terras” é possível fazer uma reflexão das pessoas passarem a ser privadas das terras que eram seu meio de subsistência no contexto de estímulo à propriedade privada. A questão da reforma agrária está implícita como uma importante reivindicação da classe trabalhadora.

A banda Mercenárias surgiu em São Paulo, na região do Bixiga, em 1983. Formada exclusivamente por mulheres, as Mercenárias desempenharam um papel crucial no movimento punk brasileiro. Além de sua contribuição musical única, destacaram-se por desafiar estereótipos de gênero no cenário punk, evidenciando a presença e a influência das mulheres no movimento. Sua importância vai além da música, sendo pioneira ao quebrar barreiras de gênero no contexto do punk brasileiro.

Mercenárias - Igreja (1986):

O homem quer subir na vida

Em busca de fama e prazer,

Daí encontra com Jesus,

Seu espírito de luz vai renascer.

Vai se foder!

Salve! Salve!

A Santa Igreja! (4x)

O homem se revolta em suas condições,

Luta pra poder sobreviver.

daí encontra com Jesus,
e só por estar vivo vai agradecer.

Vai se foder!

Salve! Salve!

A Santa Igreja! (4x)

O jovem rebelde e criativo

Questiona e desobedece o poder,

Daí encontra com Jesus

E as leis da Santa Igreja vai obedecer.

Vai se foder!

Salve! Salve!

A Santa Igreja! (4x)

O homem consciente dos seus direitos

Com malícia se sabe, se conduzir bem, pois esperta é a Santa Igreja

Que graças aos ingênuos sabe viver muito bem!

Salve! Salve!

A Santa Igreja! (4x)

Desafia a moral da igreja que, nesse sentido particular, por se tratar de uma banda composta apenas por mulheres, tem papel fundamental na quebra com a submissão da mulher que é imposta pela moral católica. Por mais que as mulheres fossem minorias nesse movimento, tiveram papel importante na ruptura desses valores impostos sobre o papel socialmente atribuído às mulheres, que se estende do lar até aos seus grupos identitários. Sobre a atuação limitada dos grupos femininos no movimento punk brasileiro, Helenrose Pedroso afirma que:

O número de garotas é bem inferior; isto é principalmente motivado pela socialização diferenciada dos rapazes e das garotas dentro da sociedade, com suas instituições – família, igreja, escola etc. – que reforçam a definição dos papéis sexuais do homem e da mulher, incentivando numa atividade e noutra a passividade submissa (PEDROSO, SOUZA, 1983, p.25).

A partir dessas análises, podemos compreender pelo “grito suburbano” que o punk é, além de um modo de vida que expressa significados e valores, uma fatia importante dos diversos movimentos culturais de resistência do Brasil. Os punks, na década de 1980, foram capazes de criar uma cultura e uma identidade própria, que se manifesta nas suas produções musicais, em forma de denúncia, protesto e rebeldia diante dos padrões impostos pela sociedade capitalista. Assim, o punk e suas produções são historicizadas e refletem o contexto social em que se inserem. Podemos entender que ele carrega em si as particularidades das expressões da “questão social” brasileira e do seu momento histórico. Nesse sentido, entende-se que:

A ampliação exponencial das desigualdades de classe, densas de disparidades de gênero, etnia, geração e desigual distribuição territorial radicaliza a questão social em suas múltiplas expressões coletivas inscritas na vida dos sujeitos, densa de tensões entre o consentimento e rebeldia (...) (IAMAMOTO, 2009, p.343).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação social do Brasil é entrelaçado pelas determinações estruturais do regime do capital, o desenvolvimento das relações sociais e de classe são marcados pela exploração colonial pré capitalistas e, posteriormente, pela evolução tardia do capitalismo em nosso território.

Desse modo, compreendemos que o contexto de formação da “questão social” brasileira é marcado por um conjunto de particularidades que expressam essas complexas relações de exploração, desigualdade, discriminação racial, de gênero e de classe. Nesse sentido, entendemos que devido a essa formação, o processo de escravidão e a exploração do povo negro após a abolição, são elementos fundamentais para compreender a exploração da classe trabalhadora e divisão das classes sociais no país.

Nesse contexto, as primeiras expressões da "questão social" no Brasil ganharam maior densidade após a abolição em 1888. A população negra recém liberta foi empurrada

para as periferias urbanas e essa segregação territorial, aliada à inexistência da intervenção do Estado resultou no surgimento dos primeiros aglomerados urbanos habitados pela população negra, marcando a intensificação da desigualdade social e racial nas áreas urbanas. Após a consolidação do Estado e o início da formação do capitalismo tardio no país, compreende-se que o cenário de formação da classe trabalhadora brasileira esta intrinsecamente dependente e enraizado no racismo estrutural. Essa realidade persiste nos dias atuais, manifestando-se na desigualdade social, na pobreza e na falta de acesso aos direitos sociais que a classe trabalhadora enfrenta.

O processo histórico de formação e configuração da sociedade brasileira também se expressa no desenvolvimento da cultura brasileira, que está, também, ligada às dinâmicas sociais e às relações de classe, raça e gênero. Ao assumirmos que o Brasil foi marcado pelo processo de colonização e profundamente influenciado por ideologias estrangeiras, compreendemos, portanto, que a construção de uma cultura nacional-popular não ocorreu à parte das influências culturais universais, resultando no processo da “questão cultural”.

Nesse contexto, percebe-se que a essência da problemática cultural brasileira reside na falta de uma produção cultural profundamente enraizada no popular, caracterizando a escassez de uma identidade nacional-popular em seus produtos. Isso contrasta com a predominância de uma cultura elitista que foi incapaz de promover uma consciência crítica na sociedade brasileira. Esse fenômeno é consequência dos processos de transformação social “pelo alto” que marcaram a história sócio-econômica, política e cultural brasileira, impedindo a participação da sociedade civil nos processos de transformação do país. Nesse sentido, entender a categoria “via prussiana” é essencial para compreender e enfrentar a questão cultural no Brasil.

Essas particularidades da origem da formação sócio-histórica brasileira, continuam exercendo influência na contemporaneidade. Isso se deve ao fato de que o processo histórico do país não experimentou rupturas que possibilitassem a democratização tanto da riqueza material quanto da política. Como resultado, também a esfera cultural enfrenta novas contradições, que se somam aos processos de dominação e alienação impostos pelas classes dominantes sobre as classes trabalhadoras.

Nesse contexto, a cultura pode ser usada tanto para legitimar as estruturas de poder quanto para contestá-las. A cultura popular, associada às classes trabalhadoras, torna-se uma arena onde as tensões e contradições sociais se manifestam. É importante, portanto,

compreender a cultura não apenas como uma manifestação artística, mas como um espaço onde as relações de classe e as lutas sociais se desenrolam. A cultura não é apenas um espelho que reflete a realidade social, mas também um instrumento capaz de influenciar e moldar essa realidade, atuando como um espaço de resistência e transformação.

Dessa forma, conseguimos sintetizar a relação entre a "questão social" brasileira, "questão cultural" e o movimento punk e suas particularidades no contexto brasileiro. Compreendendo que a essência do movimento é provocar e afirmar a sua presença na sociedade, alertando que os abusos cometidos pela ordem capitalista não são ignorados no lugar onde vivem, fortalecendo a cultura brasileira no contexto de sua "questão cultural". Nesse sentido, compreendemos o punk e suas contribuições culturais como um reflexo do contexto social em que se inserem, que carregam as particularidades das expressões da "questão social" brasileira consigo. Considerando a suburbanidade expressa na produção musical punk, bem como nos estudos historiográficos, como elemento importante na busca pela legitimação do punk no Brasil, cuja postura combativa o insere na luta de classes como personagem ativo, em que se destaca a sua posição como classe trabalhadora e o questionamento da ordem vigente como parte fundamental de sua identidade.

REFERÊNCIAS

BIVAR, Antônio. **O que é Punk**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRECHOTI, André Renato. **Redemocratização no Brasil e o surgimento do rock nacional o Punk como fenômeno**. Araras, 2010. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de História do UNAR – Centro Universitário de Araras

COUTINHO, Carlos Nelson. **“Cultura e Sociedade no Brasil”**. In BRAZ, M (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a" questão social" e a questão cultural no Brasil**. Editora Expressão Popular, 2013.

DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Ed Editora 34, 1995.

ESCOBAR, Pepe. **Os punks deixam seus guetos**. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 nov. 1982. Ilustrada, p. 35.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicasde pesquisa social**. Editora Atlas. São Paulo, 1987.

GRAMSCI, Antonio, **quaderni**, cit., p. 2.116-2.117. In BRAZ, M (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a" questão social" e a questão cultural no Brasil**. Editora Expressão Popular, 2013.

GUERRA, Paula; SILVA, Augusto Santos. **As palavras do punk: uma viagem fora dos trilhos pelo Portugal Contemporâneo**. Lisboa: Aléthea Editores, 2015.

IAMAMOTO, M. V. **A questão social no capitalismo**. Revista Temporalis – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social IN Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

ISOTTON, Júlia. **“Questão Social” brasileira: o debate sobre seus fundamentos sócio-históricos desde o Serviço Social.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229994>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

K. Marx e F. Engels, **Manifesto do Partido Comunista**, in: **Obras Escolhidas**, Rio de Janeiro, Vitória, 1956, v.1.

LIMA, Augusto. **“Samba, História e a Questão Racial e Social”**. In BRAZ, M (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a "questão social" e a questão cultural no Brasil.** Editora Expressão Popular, 2013.

MELÃO, Cezar Augusto. **O discurso da rebeldia: uma análise de um texto punk.** Estudos semióticos [online] Disponível em: {[HTTP://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es) }. Editores responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 86-93. Acesso em 21 de novembro de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORAES, Filipe Proença de Carvalho; Parada, Maurício Barreto Alvarez. **“O movimento punk paulista como sintoma e agência de uma classe operária em desagregação”**. Rio de Janeiro, 2019. 160p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

NETTO, J. P. **Cinco notas a propósito da “questão social”**. In: *Temporalis*. Ano 2, n. 3 (jan./jul. 2001), Brasília: ABEPSS, Graflina, 2001.

NETTO, José Paulo. **Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista.** 1998, Disponível em: <http://www.pcb.org.br/portal/docs/elementos.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: mais do que barulho.** São Paulo: Radical Livros. 2005

ORTEGAL, Leonardo. **Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora.** *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n.133, p.413-431, set.-dez. 2018.

PEDROSO, Helenrose Aparecida da Silva; SOUZA, Heder Cláudio Augusto de. **Absurdo da Realidade: O Movimento Punk**. Coleção Cadernos IFCH Unicamp n. 6. Campinas: Editora Unicamp, 1983

SANTOS, Josiane Soares. **Particularidades da “Questão Social” no capitalismo brasileiro**. Rio de Janeiro, 2008. 208 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão social”: particularidades no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVATTI, Felipe Luna. **Narrativa sobre o punk na cidade de São Paulo** -. São Paulo, 2021. 206 p. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Paulista – UNIP

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VIEIRA, Tiago de Jesus. **O futuro do “sem futuro”: uma análise da escrita sobre o punk no Brasil e suas construções identitárias (1982 – 2010)**. 2017. 266p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2017.